

Entrevista ao Arquitecto João Luís Carrilho da Graça

JOÃO NORTON DE MATOS
JOÃO ALVES DA CUNHA

Arquitectos

Os edifícios devem ser simples e acolhedores.

No exterior o edifício constrói com planos brancos um volume elementar.

O espaço principal é um contínuo que nos leva desde a rua até à rocha quartzítica posta a nu.

Primeiro o pórtico de entrada. Depois o pátio-adro flanqueado pelas duas rampas e pelas alas do centro comunitário. Ao fundo o espaço central da igreja, inesperadamente envidraçado e transparente. Por último o pátio exterior construído com a rocha existente, o ar, a luz zenital, àgua e plantas. Um espaço exterior aberto á contemplação

A sala da igreja é de planta quase quadrada. Também o altar é uma mesa quadrada. Estas formas estáveis e centradas permitem-nos sentir que a celebração é presidida e consiste na congregação voluntária de um conjunto de fiéis.

A extrema simplicidade do espaço, da linguagem arquitectónica e do desenho dos objectos tem como objectivo a criação de um espaço de liberdade em que os protagonistas são as pessoas e os acontecimentos.

A arquitectura deve encenar o mínimo e da maneira mais intensa.

JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA, in, *Arq/a* (65) 2009.

JNM: Hoje percebemos que, para uma igreja, a planta quadrada é de uma grande riqueza, tem umas possibilidades enormes.

Eu não tenho muitas referências sobre que se está a fazer agora. Não consigo colocar esta igreja no contexto do que se tem feito nos últimos anos. Nós, arquitectos, visitamos muitas igrejas ao longo dos tempos, e eu fui pensando nisto, mas o que foi decisivo em relação ao que ali está foi o livro¹.

JAC: E como chegou a este livro?

Foi o P. [José Dias Heitor] Patrão que mo ofereceu. Morreu o ano passado. Era especialista em História de Arte. Estudou em Roma com o anterior Cardeal Patriarca, o D. António Ribeiro e com o P. Manuel [Cardoso Mendes] Atanásio. Já morreram os três. Manuel Atanásio foi professor na Faculdade de Letras e conheci-o quando a escola de Arquitectura reabriu em 75 e ele foi convidado a dar lá aulas. Tinha uma grande capacidade de transmitir conhecimentos e de provocar as pessoas. Começava a falar e passada meia-hora a sala estava cheia e já havia pessoas no corredor. Dizia coisas completamente entusiasmantes, gostei imenso de o conhecer e de falar com ele. Mas ele era muito polémico. Tinha teses muito controversas sobre assuntos de história de arte, sobre arquitectura, sobre o Brunelleschi... era uma pessoa com muita vida. O P. Patrão era da região de Portalegre e eu conheci-o durante o liceu. Lembro-me de uma vez estar a discutir com ele no café. Dizia: “As igrejas podem ser em qualquer sítio, as igrejas podem ser um prédio qualquer perfeitamente banal, o que é preciso é que o espaço lá dentro seja interessante, não tem piada nenhuma estar a fazer edifícios e a gastar dinheiro com igrejas”. E eu que andava no liceu, ainda no princípio, era bastante novo, disse-lhe: “Não se esqueça que o exterior dos edifícios é o interior das cidades”. Ele, juntamente com o meu pai, que vivia em Portalegre, conseguiu que eu fosse convidado para fazer a igreja [de Santo António], e depois sempre me deu muito apoio. O projecto iniciou em 1993 e depois esteve parado imensos anos, para reiniciar há seis anos, com o projecto de execução e a obra. A obra correu razoavelmente bem.

JAC: Quando lhe encomendaram a igreja, o que é que lhe ocorreu nesse momento, que imagem é que lhe veio à cabeça?

¹ Pedro Farnés Scherer, : orientaciones doctrinales y sugerencias prácticas sobre el espacio celebrativo, según el espíritu del Concilio Vaticano II”, Barcelona , Editorial Regina, 1989.

Tinha feito pouco antes, a cripta das ruínas da igreja de São Paulo, em Macau. Tenho um esquisso, ainda aquilo não estava escavado, que supunha que por baixo da terra devia haver um maciço rochoso. O terreno descaí para o lado do altar e eu imaginava que existisse ali rocha, que apareceu quando se escavou, assim como o túmulo do fundador da igreja. Fiz a cripta com luz zenital e a rocha lá dentro, numa espécie de cubo. E em certa medida, o projecto da igreja de Santo António começou com a experiência dessa pequena igreja, onde estão as relíquias dos mártires do Japão, e que eu acho que resultou bastante bem. Foi a primeira experiência. Depois, eu conhecia bastante bem aquele sítio. É um bairro banal, sem grande interesse, mas onde mora, actualmente, um quarto ou mais da população de Portalegre. Fez-me um bocado de impressão, na altura, pensar que as igrejas antigas estavam abandonadas -há inúmeras lindíssimas – e se tinha de fazer uma nova igreja. Realmente, a localização é importante. Então pensei que era interessante ter a igreja fechada para o exterior, com um espaço central, e a pouco e pouco surgiu esta solução. É sabido que existem muitos afloramentos rochosos de quartzito em Portalegre, têm uma presença muito forte na cidade, e marcam muito a paisagem. Lembra-me dos montes coroados por esses afloramentos de que gosto muito e desejei que ali houvesse pedra. Depois fizeram-se os furos [para sondagens] e percebeu-se que sim, escavou-se, e então foi possível montar aquele dispositivo cenográfico, em que a igreja fica no centro, com vidro de um lado e do outro. Pareceu-me interessante, que naquele contexto urbano, houvesse uma certa interiorização, mas depois, quase por oposição, a igreja é transparente, em relação à rocha e ao espaço de acesso.

JAC: A igreja que foi construída reconhece-se nos primeiros esboços.

Sim, desde o princípio que houve esta ideia de ter uma sala quadrada, de ter um vidro que no início era maior, de ter este pátio com a rocha e com a água, e as alas laterais. Depois, o que apareceu mais tarde, foi a redução do plano de vidro, a introdução de uma janela no cimo, e depois, já durante a obra, o envidraçado [entre a igreja e o pátio]. No projecto estavam uma série de portas em madeira, que deslizavam e permitiam abrir a igreja para o pátio. Mas quando vi aquilo em obra, achei que era difícil fazer aquela porta toda em madeira, iria ter frestas e seria desconfortável, e pareceu-me mais interessante e até mais barato, ter um plano de vidro, permitindo a vi-

são que atravessa a sala, desde a pedra até à rua. Durante a obra, essa imagem era muito forte. Entretanto, já havia a janela superior, que tem iluminação artificial e natural, tem um espelho inclinado, que reflecte o sol e mete uma luz que tem por objectivo iluminar o altar, e neste momento ainda é melhor porque existe a outra luz muito forte [que vem do envidraçado]. O Sul é daquele lado, por isso há sempre luz do lado que ilumina o altar. E o outro lado é Norte, que não tem luz directa, mas reflectida, o que é bonito. Nesta conformação havia a possibilidade de que o celebrante ficasse em contra-luz o que seria desagradável para todos e foi o envidraçado que se juntou e a janela superior que permitiu que a luz ficasse bastante equilibrada.

JNM: Ter a rocha como fundo também não é o mesmo que ter uma parede branca.

Exacto. Mesmo assim ainda reflecte, mas o reflectir da luz também é simpático. Tenho feito muitos edifícios com janelas viradas a Norte, porque quando olhamos para Norte podemos ver a paisagem iluminada sem ter a luz do sol nos olhos.

JNM: E a ideia de associação da rocha com a talha dourada, ou com a dimensão mais simbólica da rocha e da água...

Foi posteriormente. É uma observação que se faz agora. Imaginava mais o tom que a rocha teria, a luz... Realmente hoje sente-se um sentido quase barroco da rocha que eu gosto imenso. Mas o que acho mais interessante ali é o conceito de partida: uma sala quadrada com pavimento em madeira, em que a celebração é um encontro entre pessoas que voluntariamente decidem encontrar-se ali àquela hora e daquela maneira. Gostava de ter conseguido pôr o pavimento da igreja em madeira, para mim fazia um certo sentido, e só não o pusemos porque queríamos um pavimento que fosse aquecido e arrefecido. Entretanto apareceram madeiras que se podem utilizar em pavimentos aquecidos... A ideia era pôr as pessoas a olhar não só para o altar mas também para o exterior, não limitando apenas num espaço interior aquilo que se pode ver e contemplar.

JNM: Isso é um ponto que me parece bastante interessante nesta igreja, o altar é ponto focal da assembleia, mas não o último ponto do percurso visual. Há

nesta igreja o chamado pólo de transcendência, que é a abertura poética ou simbólica do espaço, o não fechamento em si mesmo. A propósito desta temática, teve uma equipa com quem tirou dúvidas e trabalhou a questão litúrgica, o espaço litúrgico?

Não, porque este livro é fantástico. Ele, de facto, dá uma explicação quase radical do que se pode passar ali. O livro foi um guião fantástico.

JAC: É interessante perceber que assumiu totalmente a planta quadrada. O projecto é de 1993, e em 1996 há um acontecimento muito significativo para a arquitectura religiosa em Portugal, que é a inauguração da igreja de Marco de Canavezes, que influenciou em grande medida os espaços litúrgicos que se construíram posteriormente. Mesmo perante uma presença tão forte, não duvidou da planta quadrada.

Gosto imenso da arquitectura do Álvaro Siza e gosto da igreja do Marco, mas o meu projecto começou antes, e o que gostei mais foi a possibilidade de criar um espaço que tivesse esse radicalismo. Tento sempre perceber o que é importante num programa, mas de uma maneira quase filosófica, e vou tão longe quanto possível. Aqui não foi preciso ir muito longe. Quando andava no liceu, ia à missa e passava horas a olhar para as igrejas onde estava e a pensar “O que é que se está a passar aqui? Que espaço é este?”. É uma reflexão a que não conseguimos escapar. E depois há um texto que acho interessante, embora não tenha uma aplicação directa na resolução deste problema, mas que é um texto de um autor espanhol que foi um bocado maldito, mas que faz uma análise interessante, que é a diferença, mais ou menos esquemática, entre o espaço das igrejas antigas e o espaço das mesquitas, e ele diz que as igrejas são construídas com um sentido perspéctico, e as mesquitas são construídas em relação a um espaço infinito, têm só uma direcção, e depois fazem uma desmultiplicação do espaço. Acho uma certa piada a isto, são duas componentes do espaço que me interessam. Acho que a planta quadrada também tem esse sentido da centralidade, e portanto, não é um espaço completamente perspéctico, embora neste caso, o seja muito porque vai desde as vigas que atravessam o espaço todo e que o encaminham para um ponto, que não é totalmente centrado no altar, apesar de o altar ser o centro da sala. Há a perspectiva e depois a construção de um espaço mais horizontal.

JAC: Durante estes anos, até à inauguração da igreja, teve oportunidade de visitar a igreja de Marco de Canavezes?

Sim.

JAC: Teve noção que a vivência do espaço da sua igreja ia ser completamente diferente daquela?

Sim. Do ponto de vista da organização a igreja de Santo António tem uma espécie de equilíbrio entre a familiaridade do espaço ou sentido de acolhimento, e a escala grande em que todas as dimensões são distendidas. Tentei fazer um espaço de uma certa equivalência, com um espaço central, um presbitério com um só degrau, dando a sensação de uma comunidade reunida à volta do altar. Penso que a reforma do Concílio Vaticano II relativamente ao espaço das igrejas foi muito importante porque virou as pessoas para a assembleia e para o fenómeno de, voluntariamente, se juntarem ali para celebrar. O que quis fazer foi dar a resposta mais directa possível a esta ideia radical de permitir que as pessoas se juntem ali, com um papel diferente do sacerdote, mas em que tudo é reconstruído cada vez que se celebra a missa. Sempre achei que isso era uma questão interessantíssima, a intensificação do acontecimento e do espaço onde se vai desenrolar. Por isso é que quis fazer só um degrau no presbitério e não três, e o altar pousado no chão. E as pessoas só não estão a abraçar o presbitério, porque arquitectonicamente não era fácil de fazer. Para mim a missão da igreja-edifício é fazer com que as pessoas percebam que vão ali se quiserem e que estão todas em pé de igualdade, e que o espaço permite esse tipo de encontro. Por isso retirei tudo o que fosse secundário para sublinhar que era isso que podia acontecer ali. Mas isto é o que vem no livro [], não é invenção minha.

JAC: Na igreja de Santo António, o altar tem proporções pouco habituais.

Quis que o altar não fosse um elemento de importância diminuída, isso não fazia sentido para mim. Uma das coisas que li nesse livro [] e que gostei imenso, porque nunca tinha percebido que era assim, foi uma descrição que começa com a sala vazia. Entram os fiéis e depois há uma procissão em que o sacerdote entra e põe a toalha e os objectos para celebrar a missa. Imaginava que seria muito mais forte se fosse uma verdadeira mesa, de madeira maciça. A ideia foi sempre de fazer com que o espaço e o mobiliário apontassem para a possibilidade deste tipo de essencialidade.

JAC: Como é que a comunidade reagiu, ao longo do processo, à apresentação de um espaço que propõe uma mudança radical?

Não houve muitos passos intermédios. Apresentei o projecto ao Bispo anterior, já há muitos anos, ele gostou e aquilo avançou. Nunca houve assim muitas discussões. O P. Patrão tutelou sempre um pouco o processo para que fosse aceite e não houvesse grandes obstruções. A igreja começou a construir-se e confrontou-se com uma comunidade que não tem uma escolaridade muito alta nem uma tradição muito fundamentada. São pessoas que vivem num bairro social. As famílias com dinheiro da cidade aceitaram, sabiam quem tinha feito o projecto e deram donativos muito importantes e acabou por correr bastante bem. Para mim, até surpreendentemente bem. Houve reuniões sobre iconografia e numa reunião em que não estive presente, mas estavam o Bispo e vários padres, discutiu-se como é que deveria ser a decoração do interior da igreja, e o P. Patrão foi muito forte a defender que tinha que ser o mais simples possível, e as pessoas foram aceitando que pudesse ficar assim.

JNM: No contexto do bairro, há uma forte aposta em três grandes paredes sem aberturas para a rua.

Durante a obra as pessoas viam as paredes inacabadas em betão e não gostavam. Lembro-me de uma senhora que me dizia “Nunca me vão apanhar naquele centro social! Parece um bunker”. Depois veio à inauguração e disse-me que afinal estava lindíssimo, com luz por todo o lado. Estava totalmente reconciliada. Acho que foi isso que aconteceu, as pessoas ficaram chocadas com aquele volume enorme de betão, completamente aterrador. Depois quando começaram a perceber que ficava branco e que lá dentro os espaços eram muito iluminados, aceitaram perfeitamente.

JNM: O adro alongado faz lembrar, na sua tipologia, o da igreja de Santo Ambrósio, em Milão.

Essa igreja estava, do ponto de vista tipológico, muito na moda quando eu estava a estudar, porque o Aldo Rossi tinha-a referido. Fui lá vê-la mais do que uma vez. Aquele espaço de entrada é fantástico e está também um pouco por detrás deste adro.

JNM: Uma qualidade intrínseca à igreja de S. António é a sua hospitalidade: um pórtico alargado, um terreiro generoso, a árvore que lhe dá escala ... esse tipo de qualidade, em detrimento da ostentação, é própria da arquitectura desta igreja.

... E depois entra-se na igreja propriamente dita, e o equilíbrio do espaço, a sua escala, porque a igreja tem um pé-direito grande, e o conjunto de sensações que pode propor, são características que gostaria que fossem muito mais fortes do que a necessidade de explicitar a sua função. Eu não procuro contrariar nada. Não estou a fazer uma espécie de tese sobre a construção das igrejas, a minha ideia era fazer uma igreja. E daí que este livro [] me interessasse particularmente. Depois percebi que ele não era tão universalmente aceite como eu pensei na altura em que estava a fazer o projecto. Quando comecei, pensava “Isto são as instruções para eu fazer o projecto. Vou ler e fazer”. Depois percebi que não era assim tão simples.

JAC: Pegando no tema da arquitectura, qual o papel que vê para a arquitectura religiosa na disciplina, num tempo em que as igrejas têm de competir com os estádios de futebol ou os centros comerciais? Ainda é uma tipologia interessante para a arquitectura?

Acho que é interessantíssima, porque são edifícios que não têm um sentido eminentemente materialista ou comercial. São edifícios feitos em nome de ideias, e isso é extremamente importante. Não têm que competir nem com os estádios de futebol, nem com os centros comerciais e devem definir-se pela oposição a esses universos. As igrejas devem atrair as pessoas mais por experiências intensas, do que pela espectacularidade superficial, que é o que acontece nesse tipo de edifícios.

JNM: A arquitectura, como actividade do espírito, tem um papel forte na cultura, na dignificação da pessoa, na exposição à emoção estética. Há algum estímulo que o projecto de uma igreja dê, para além, por exemplo, do Pavilhão do Conhecimento, na Expo?

Eu acho que sim, mesmo que não se acredite. Há imensas igrejas feitas por arquitectos que não são crentes, e qualquer arquitecto gostaria imenso de fazer uma igreja. Porque a igreja tem pressupostos estruturais que ultrapassam os objectivos mais directos e materiais. E isso é uma possibilidade que é sempre fascinante. Conseguir que o espaço permita essa espécie de

transcendência relativamente à banalidade. Fazer uma igreja é um desafio quase inultrapassável.

JAC: O bairro dos Assentos é um bairro carente de referências criadoras de memória histórica e de identidade. A igreja de Santo António, apesar de silenciosa e delicada no modo de se implantar no bairro, tem a força suficiente para ajudar a população a criar identidade e a reconhecer as suas raízes.

Eu acho que sim. Tal como na Expo 98, em que o ambiente exterior ao Pavilhão do Conhecimento dos Mares era feérico, e o edifício era um momento de pausa, de oposição à feira, na igreja há também essa ideia. A igreja não conseguiria concorrer com os supermercados e centros comerciais que há por ali próximo, ou com os edifícios que são altos. Tinha, portanto, que marcar de maneira inversa, pela qualidade das sensações e pelo conforto do espaço. A maioria das igrejas antigas de Portalegre são extremamente desconfortáveis, são lindíssimas mas muito frias, e tudo aquilo, num certo sentido, exclui um pouco a presença das pessoas. Na igreja de Santo António o pavimento é aquecido o que aumenta a possibilidade de conforto e acolhimento.

JNM: Em resposta ao entorno, a igreja dos Assentos tem uma certa interioridade.

A igreja não podia impor-se nem pela escala nem pela linguagem, aspectos exteriores e superficiais. A sua interioridade é precisamente a resposta ao entorno.

JAC: Do ponto de vista do exterior, acho-a extremamente alentejana.

Eu também acho.

JAC: É intencional?

É porque aqueles edifícios que estão à volta são relativamente banais. É alentejana de uma maneira relativamente natural, sem esforço, porque por um lado protege-se dessa banalidade e por outro do clima, e cria espaços relativamente abertos para o interior. Sempre achei importante que houvesse um certo convívio e a presença de todas as pessoas que utilizam as duas alas, mas sem uma excessiva interferência desses universos em relação ao espaço do adro e da igreja.

JNM: Acha a igreja monumental?

Espero que não. Tento fugir da possibilidade de fazer coisas monumentais. É quase o adjetivo que mais me arrepia. Quando falo do chão quadrado em madeira, e da mesa que é o altar, e das rochas que se vêem lá atrás, é porque gosto muito mais que haja sensações simples e fortes do que as pessoas serem esmagadas por qualquer coisa que possa parecer monumental. Acho que a arquitetura deve propor a sensação de cumplicidade ou benevolência em relação a quem a utiliza, e não de hostilidade. Daí a monumentalidade, para mim, não ter atracção alguma. Não procuro esmagar as pessoas.

JNM: Sem ser uma igreja monumental, é uma igreja com uma presença forte no bairro. Mas silenciosa, sem se impor. Pelo contrário, convida, pela transparência.

Se me pedissem para ter uma torre com um sino, ficava totalmente arrepiado. O espaço para os sinos está lá, mas os sinos ainda não foram colocados porque não houve dinheiro. O sino, hoje, já não tem exactamente o mesmo significado que teve em séculos passados, porque há outras maneiras de chamar as pessoas. Não queria que a igreja fosse marcada por elementos estereotipados. Quando se entra, o chão é de saibro, depois há uma árvore, ou seja, tudo sensações muito simples, mas tão intensas quanto possível, sem banalizar o espaço com clichés, com elementos que até podem ter importância na memória das pessoas, mas que depois iriam tornar menos intensa a experiência sensorial.

JNM: Estará no limite de ser uma igreja não reconhecida enquanto tal, na cidade?

Acho que não. Porque vai ter a simbologia católica. Está tudo preparado e desenhado. Só não foi possível realizá-la ainda.

JAC: Quando o convidaram para construir a igreja, apresentaram-lhe um local, no bairro dos Assentos. Achou que era um bom sítio para construir a igreja ou desejava outro sítio?

Não é um sítio maravilhoso. Teve que se inventar uma espécie de universo interior. Há muitos anos, quando comecei a trabalhar, pôs-se a hipótese de fazer uma nova igreja próxima da de São Cristóvão, também num bairro social. O sítio é alto e tem uma vista fabulosa, e tinha imaginado uma igreja em que a vista só aparecia quando chegássemos à nave principal.

Seria o altar, com um plano de vidro, e a vista fantástica por trás. Eu gostaria mais de ter feito a igreja numa situação deste género...

JNM: Se tiver oportunidade de fazer outra igreja, que caminhos é que foram abertos com a igreja dos Assentos?

Se tivesse que fazer outra igreja, provavelmente voltava a ler o livro. E tentaria responder ao contexto, quer social quer urbano e arquitectónico do sítio onde a igreja viesse a ser construída.

